

# TELEVISÃO EDUCATIVA: A AUDIÊNCIA COMO FATOR DE CONSTRUÇÃO DE UMA IDENTIDADE PEDAGÓGICO-CULTURAL

*Educational Television: the audience how construction's factor of the pedagogic identity*

Mônica Cristine Fort<sup>1</sup>

## **Resumo**

A televisão fascina comunidades no mundo inteiro. A linguagem audiovisual – composta por imagens em movimento, sons correspondentes às ações captadas, enquadramentos e movimentos de câmera, iluminação e cenários – contribui para atrair a atenção do espectador mais distraído. Informação e entretenimento encontram na televisão a oportunidade para a transmissão de valores e, não raro, para provocar mudanças de comportamento. O presente artigo relata a etapa qualitativa – grupos de discussão entre pessoas da faixa etária freqüente na comunidade universitária – de uma pesquisa sobre TV Educativa, em Curitiba/PR. Ao descobrir as preferências dessa audiência e discutir com espectadores em potencial sobre programas televisivos, abre-se caminho a propostas de programação de interesse comunitário e de produção viável regionalmente.

**Palavras-chave:** Televisão; Educação; Televisão Educativa; Audiência.

---

<sup>1</sup> Mônica Fort é jornalista, mestre em Educação (PUCPR), doutora em Engenharia de Produção, área de concentração Mídia e Conhecimento (UFSC)  
Endereço: Rua Imaculada Conceição, 1155 CCJS  
Coordenação Curso de Comunicação  
E-mail: mônica.fort@pucpr.br

## **Abstract**

Communities, all around the world, are fascinated by television. The images, the sound of specific scenes, the tv-camera movement, the illumination and scenario form the radio visual language which contributes to attract the spectator. The information and entertainment broadcasted transmit values and, frequently, provoke changes of behavior. This paper reports the qualitative stage – discussion groups of people whose age is frequent at university environment – of the investigation about Educational TV in Curitiba/PR. When discovering with the potential spectators about television programs, it is possible to propose programs of community interest and of regional production viability.

**Keywords:** Television, Education, Educational Television, Audience.

No livro *História das Teorias da Comunicação*, Mattelart (1999) dedica um capítulo ao que chama de “Psicologia das Massas”. Comenta que os debates sobre a natureza política de uma opinião pública, recentemente liberada das limitações impostas à liberdade de imprensa, suscitam a emergência da “psicologia das multidões”. O autor entende isso como “uma visão manipulatória da sociedade”. Essa linha de pensamento é combatida por Gabriel Tarde, que vê a era das massas como passado, e que a sociedade está em vias de entrar na “era dos públicos”. Ao contrário da massa, conjunto amorfo, o público progride com a sociabilidade. Enquanto a massa é passageira, o público é forte em sua essência. Percebe-se que os meios de comunicação trabalham tanto a formação das massas quanto a dos públicos. O sociólogo alemão Georg Simmel, segundo Mattelart, vê o processo social como proveniente das relações e ações recíprocas entre indivíduos, uma “rede de afiliações”. A partir desse momento duas linhas específicas se definem neste campo: a comunicação dirigida às massas e a comunicação dirigida aos públicos.

À televisão educativa, deve-se seguir o conceito de comunicação dirigida aos públicos. E é em função disso que o presente artigo apresenta a pesquisa qualitativa com entrevistas semi-estruturadas com um grupo de respondentes (grupo focal). A partir dessa metodologia, a autora discutiu sobre Televisão Educativa com pessoas de 18 a 45 anos da região de Curitiba.

Essas formas de entrevista qualitativa podem ser distinguidas, de um lado, da entrevista de levantamento fortemente estruturada, em que é feita uma série de questões predeterminadas; e de outro, distingue-se da conversação continuada menos estruturada da observação participante, ou etnografia, onde a ênfase é mais em absorver o conhecimento local e a cultura por um período de tempo mais longo do que em fazer perguntas dentro de um período relativamente limitado (BAUER; GASKELL, 2002, p. 64).

Lucia Santaella comenta que mesmo a pesquisa qualitativa necessita de método: “A abertura que a pesquisa qualitativa permite não pode nos levar a supor que, com ela, deixem de existir as exigências e critérios que devem regular uma pesquisa” (SANTAELLA, 2001, p. 143). A abordagem qualitativa procura entendimento e explicação de comportamento humano a partir da perspectiva dos participantes dos fenômenos. Tem como objeto do estudo o próprio homem. A subjetividade atua como a base do método de pesquisa qualitativo e é, também, a base de sua validade. A pesquisa qualitativa como aquela que busca uma compreensão particular daquilo que estuda. Portanto, não há a preocupação com generalizações, princípios e leis. Aos questionamentos de como o pesquisador descobre a qualidade a ser estudada, os autores apontam à intuição e à habilidade do pesquisador. O objetivo da pesquisa qualitativa é captar os significados do sujeito em sua cultura e em seus sentimentos. Um exemplo é a pesquisa participante (PP).

Em certa medida, a tentativa da PP foi vista como uma abordagem que poderia resolver a tensão contínua entre o processo de geração de conhecimento e o uso deste conhecimento, entre o mundo “acadêmico” e o “real”, entre intelectuais e trabalhadores, entre “ciência” e “vida”.

Os elementos enfatizados nas definições citadas que nos parecem mais relevantes são:

- a realização concomitante da investigação e da ação;
- a participação conjunta de pesquisadores e pesquisados;
- a proposta político-pedagógica a favor dos oprimidos (opção ideológica);
- o objetivo de mudança ou transformação social (HAGUETTE, 1992, p. 147).

Para Alves-Mazzotti e Gewandszajder, pesquisadores das ciências sociais desenvolvem procedimentos de investigação e propõem critérios que servem não apenas para orientar o desenvolvimento de pesquisas qualitativas, mas também para avaliar o rigor de seus procedimentos e a confiabilidade de suas conclusões. “Admitir que esses critérios são decorrentes de um acordo entre pesquisadores da área, em um dado momento histórico, em nada compromete sua utilidade e relevância” (ALVES-MAZZOTTI; GEWANDSZNAJDER, 1998, p. 146).

Optou-se pela entrevista qualitativa, pois:

[...] fornece os dados básicos para o desenvolvimento e a compreensão das relações entre os atores sociais e sua situação. O objetivo é uma compreensão detalhada das crenças, atitudes, valores e motivações, em relação aos comportamentos das pessoas em contextos sociais específicos [...] (BAUER; GASKELL, 2002, p. 65).

Realizar grupos de discussão para determinar uma programação efetiva à televisão educativa, portanto, é uma maneira de observar reações e anseios de um público espectador. Entrevistas grupais podem ser aplicadas quando o objetivo da pesquisa é para orientar o pesquisador para um campo de investigação e para a linguagem local; explorar o espectro de atitudes, opiniões e comportamentos; observar os processos de consenso e divergência; e, adicionar detalhes contextuais a achados quantitativos. Se o tópico estudado se referir a assuntos de interesse público ou preocupação comum, por exemplo, política, mídia, etc.; e, assuntos e questões de natureza relativamente não familiar, ou hipotética.

A versatilidade e valor da entrevista qualitativa são evidenciados no seu emprego abrangente em muitas disciplinas sociais científicas e na pesquisa social comercial, nas áreas de pesquisa de audiência da mídia, relações públicas, marketing e publicidade. (BAUER; GASKELL, 2002, p. 66).

Para a pesquisa qualitativa, foram realizados quatro grupos de discussão sobre o tema da pesquisa: televisão educativa. O primeiro aconteceu em 20 de setembro de 2002. Participaram:

H. L. G., homem, 20 anos, estudante de Psicologia.

J. F. de S. M., homem, 20 anos, estudante de Letras.

E. J. O., homem, 23 anos, digitador (“no momento”, escreveu E. J. O. na ficha de identificação), completou o Ensino Médio.

P. A. P. B., mulher, 19 anos, estudante de 6.<sup>a</sup> série (Ensino Fundamental).

K. M. de L., mulher, 19 anos, estudante de 7.<sup>a</sup> série (Ensino Fundamental).

N. S. C., mulher, 21 anos, estudante de Turismo.

Era importante que os participantes não se conhecessem e nem conhecessem os pesquisadores. A intenção era fazer com que, por suas experiências e anseios, discutissem assuntos relacionados ao tema da presente pesquisa. Outros três grupos de discussão foram realizados. As discussões ocorreram em outubro de 2003. Na segunda discussão em grupo para discutir televisão educativa, repetiu-se o público de 18 a 25 anos. Estiveram na discussão, realizada em 18 de outubro de 2003:

R. A. C., homem, 24 anos, estudante de Eletrônica.

B. V. N. A., homem, 19 anos, estudante de Engenharia Química.

T. M. P., mulher, 20 anos, estudante de Engenharia Química.

A. C., mulher, 23 anos, socióloga.

C. G., mulher, 22 anos, turismóloga.

L. M. M. B., homem, 22 anos, estudante de Economia.

A terceira discussão da pesquisa qualitativa foi feita com pessoas na faixa etária de 26 a 35 anos de idade, também em 18 de outubro de 2003. Os participantes foram:

- G. A., mulher, 29 anos, gerente administrativa.
- M. T. R. S., mulher, 30 anos, gerente de livreria.
- J. A. B., mulher, 30 anos, professora de Ensino Médio.
- L. L., homem, 26 anos, músico.
- R. V., homem, 29 anos, biólogo.
- R. M. S. O., homem, 33 anos, funcionário público.
- D. C., homem, 26 anos, cientista social.
- E. R. S., homem, 27 anos, estudante de Antropologia.

Finalmente, em 10 de novembro de 2003, realizou-se o quarto grupo de discussão da pesquisa qualitativa sobre televisão educativa. Observou-se total desprendimento do grupo e, em alguns momentos, houve a participação de vários deles ao mesmo tempo, dificultando a tabulação (vozes sobrepostas), mas não a análise da discussão. Estiveram presentes:

- C. A. C., homem, 41 anos, bancário.
- M. I. F. P., mulher, 42 anos, psicóloga.
- M. J. L., homem, 37 anos, comerciante.
- J. D. A. P., mulher, 40 anos, professora de Educação Física.
- E. A. C., homem, 36 anos, representante comercial.
- M. F., homem, 39 anos, comerciante.
- J. S., homem, 40 anos, fotojornalista.
- L. S. S. F., mulher, 33 anos, professora de Educação Física.

Discutir uma programação ideal à televisão é uma oportunidade de escutar a opinião da população quanto ao meio e, com isso, encontrar alternativas a propor aos gestores de emissoras educativas.

### ***Resultados obtidos com os grupos de discussão***

Para a análise das informações obtidas é feita a transcrição de toda conversa. O objetivo amplo da análise é procurar sentidos e compreensão. O que foi realmente falado constitui os dados, mas a análise pretende ir além da aceitação deste valor aparente. A interpretação é feita por meio da imersão do próprio pesquisador nos dados obtidos: ler e reler a transcrição das entrevistas; marcar, realçar e acrescentar notas e comentários ao texto; cortar e colar trechos interessantes e complementares; e, identificar a concordância no con-

texto de certas palavras. A análise não é um processo mecânico, depende de intuições criativas, que podem muito bem ocorrer quando o pesquisador conversa com um amigo ou colega, ou nos momentos de reflexão, por exemplo. Relatam-se, então, os resultados obtidos por meio da análise das discussões com os grupos.

O tema televisão não foi apresentado diretamente. A proposta foi ambientar os participantes discutindo, primeiramente, o conceito de *diversão*. A intenção era observar o que as pessoas convidadas a participar da pesquisa qualitativa gostavam de fazer quando não estavam voltadas às suas atividades profissionais ou a seus compromissos acadêmicos. Ao abordar o assunto – *diversão* –, havia a oportunidade de discutir também o conceito de *entretenimento* e ter, com isso, uma abertura rápida<sup>2</sup> para chegar ao ponto principal em estudo: *televisão*. Observa-se que *diversão* e *entretenimento* são vocábulos sinônimos, mas a expressão *entretenimento* é freqüentemente associada à televisão, por isso a pesquisadora utilizou a palavra *diversão* antes de se referir a *entretenimento*, para evitar que os participantes ficassem “armados” em relação ao tema principal da discussão, ou seja, não estivessem prevenidos quanto à informação que seria discutida no desenrolar da conversa.

Em um segundo momento, procurou-se escutar os debatedores sobre como eles vêem a televisão – fonte de informação ou de entretenimento –, bem como quais são seus gostos e preferências, suas opiniões quanto à qualidade do que assistem na televisão, o que dispensariam em uma programação (o que não deveria ser exibido) e o que não poderia faltar em uma programação que eles considerem ideal. Levantou-se também a opinião dos participantes quanto à televisão ter ou não função didático-pedagógica. Os dados obtidos na pesquisa qualitativa revelam a preferência do público por programação que pode vir a ser utilizada em uma TV Educativa para se efetivar suas funções de informar, entreter, educar e transmitir valores e cultura.

O primeiro grupo de discussão aconteceu em setembro de 2002 e as informações obtidas na análise daquela ocasião foram utilizadas para comprovar a eficácia do instrumento. No entanto, verificou-se uma distância muito grande entre o grau de instrução dos participantes. Duas participantes, com mais de 18 anos, ainda não haviam concluído o ensino fundamental (estavam cursando a 6ª e 7ª séries), e a proposta visava a discutir com público universitário. Essas pessoas iniciaram bem a conversa, dando informações importantes à discussão, como o prazer de ficar em casa na companhia da família e de amigos – e logo após referenciar a televisão como um dos elos de integração entre o grupo familiar. No começo elas estavam, também, despreocupadas com a opinião dos demais, tanto que foram espontâneas ao dizer que seu

---

<sup>2</sup> Os participantes tinham 60 minutos para discutir.

programa preferido era o destinado ao público adolescente *Malhação*, da Rede Globo de Televisão. Mas, conforme a conversa progrediu, as participantes começaram a se retrair, dando mostra de que o fato dos outros elementos do grupo comentarem sobre seu dia-a-dia, muito relacionado a seus cursos de educação superior, as constrangia. Portanto, o grupo ficou reduzido a quatro participantes efetivos, que fizeram colocações interessantes e complementares em relação ao tema. Nas outras entrevistas grupais, não foram registradas ocorrências semelhantes.

Nas discussões com os quatro grupos, observou-se que as pessoas não costumam dizer que a televisão é uma maneira de se divertir. Todos os participantes deram outras referências quando foi feita a pergunta “o que é diversão”. A resposta mais comum foi estar em casa em família ou com grupo de amigos fazendo o que mais gosta (tocando em uma banda, viajando, conversando). Para que se discutisse televisão como fonte de entretenimento, os grupos eram provocados.

No primeiro deles, foi feita a pergunta: “Quando está em casa, qual a sua referência?”. A primeira resposta foi: “Eu chego em casa, assisto TV, fico com a filha e a mulher” (E.J.O., 23 anos). A partir da afirmação, foi proposta a pergunta: “E quem mais assiste televisão?”. Todos responderam que assistiam, mesmo apontando de cara suas preferências, alguns dando a impressão de se defenderem por fazer algo tão condenado pelo senso comum como prejudicial.

Foi possível verificar que mesmo tendo preferências a filmes ou documentários, todos os participantes conheciam o programa *Malhação*, da Rede Globo de Televisão. Um estudante universitário chegou a comentar: “O objetivo da *Malhação* é entreter com alguma informação” (J. F. de S. M.). E outro universitário que participava da discussão complementou: “Sem perder a cara do entretenimento, eles tentam passar alguns temas importantes. Acho que divertir e informar as pessoas é uma postura correta” (H. L. G.).

Estes fragmentos de respostas são destacados porque os mesmos estudantes comentaram, minutos antes: “Por trabalhar o dia todo e estudar a noite, só vejo o noticiário” (H. L. G.). “Vejo só o noticiário e eventualmente algo relacionado a esporte” (J. F. de S. M.). Ora, como podem, então, comentar a linguagem ou o estilo do programa *Malhação*? Porque a programação, mesmo quando não interessa, atrai a atenção com a gramática da linguagem audiovisual, composta pelas imagens em movimento, pelos sons correspondentes às ações captadas, os cenários envolventes, a iluminação apropriada e a instigação dos movimentos de câmera. E assim, pouco faz diferença se a televisão visa a entreter ou informar. Aliás, o grupo concorda que a televisão é um veículo de comunicação que visa a entreter e informar. Até mesmo o estudante que responde que só recorre a TV para “ver” o noticiário, comenta: “Pra mim é entretenimento. Eu vou buscar a TV quando não quero pensar”.

Então, conclui-se que a mensagem obtida por este espectador nos noticiários não tem relevância em seu dia-a-dia, pois não será refletida.

A preferência pelo entretenimento se dá, pois a televisão distrai os espectadores. Os participantes também afirmaram que se informam pela TV, mas deixaram claro que não significa que fiquem satisfeitos com as informações obtidas. Os participantes do segundo grupo (de 18 a 25 anos) insinuaram que o grau de instrução é um mecanismo de escolha aos programas exibidos na TV. Por outro lado, A. C. acabou se contradizendo quando a mediadora fez a pergunta: “Ninguém vê novela aqui?”. Ela respondeu: “Eu vejo só para conversar com a minha mãe e as amigas dela” (risos). Mesmo provocando risada, a resposta da socióloga é reflexo do que ocorre no país, pois a maioria das pessoas assiste às TVs abertas. As programações televisivas acabam servindo até mesmo de pauta a grandes jornais que trazem suplementos dominicais com informações de televisão (revistas de TV), incluindo os resumos das novelas em exibição. Com isso, direta ou indiretamente, e independente do grau de instrução, as pessoas ficam por dentro da programação.

No terceiro grupo de discussão, uma professora de Ensino Médio fez referência aos recursos utilizados pelo jornalismo televisivo que fazem de conteúdos informativos verdadeiros espetáculos. Afirmar que “as pessoas não reconhecem quando o programa se diz educativo” é admitir a indiferença dos espectadores frente à televisão. Ela mesma, mais tarde, comentou:

J. A. B. (30 anos) – Eu acho que a culpa não é da TV. A nossa cultura não é crítica, assim como a família, a escola, etc. Eu não sou uma pessoa medíocre e vejo novela, vejo Faustão, e um monte de programas populares. Mas eu acho que a reforma não deve ser na TV e sim na sociedade.

Na discussão com o quarto grupo, as respostas do público de 36 a 45 anos demonstraram que mesmo afirmando ter pouco tempo para “assistir a TV”, em função de atividades profissionais, a dependência pela programação televisiva, considerada ruim, é evidente.

J. S. – Na verdade, eu vejo TV por necessidade profissional... Pra mim é necessidade de trabalho.

E. A. C. – Eu sou muito ligado à TV. Eu chego em casa, já ligo o aparelho e deixo ligado.

J. S. – É o papagaio... (risos)

E. A. C. – Eu não tenho TV a cabo há sete anos. Essa TV aberta é horrível. Só dá pra ver informação...

M. F. – Eu vejo TV como fonte de entretenimento e diversão...

L. S. S. F. – Minha filha cresceu assistindo aos programas da (TV) Cultura. Agora já é mais TV a cabo...

J. D. A. P. – Eu gosto de novela mesmo. Eu chego do trabalho, janto e descanso...

C. A. C. – Mas a (TV) Cultura tem programas legais no domingo...

M. F. – Mas música na televisão não é legal...

J. S. – É porque é muito direcionado. O que você vê no teatro, ver na televisão, é horrível.

Quanto à informação, comentários se dirigiram à superficialidade dos fatos apresentados, aos compromissos comerciais que as TVs abertas possuem, ou ao pouco espaço destinado a programas jornalísticos.

J. F. de S. M. – A gente sabe da manipulação que há na informação.

H. L. G. – Muitas vezes os jornais pecam pela fragmentação da informação e pela contextualização da notícia.

### **Grupo 2:**

A. C. – Como fonte de informação, eu já substituí a televisão pela Internet, isso há muito tempo.

T. M. P. – Eu vejo TV quando volto da faculdade. Eu vou mudando, vejo várias coisas. Fico na que mais me interessa.

L. M. M. B. – Eles (exibidores, produtores) têm que massificar a informação pra que todos entendam. Uma proposta rica requer mais trabalho, não é um (tele)jornalzinho de meia hora que fala tudo, mas não fala nada que vai solucionar.

### **Grupo 3:**

L. L. – Há tanta notícia pra falar do Brasil e eles falam do aborígene na Austrália. A TV poderia participar muito mais.

E. R. S. – Os jornais sempre recorrem às mesmas fontes.

R. M. S. O. – Se a pessoa quer cultura, ela vai atrás, não precisa ver na TV.

J. A. B. – É, eu acho que a TV não precisa ter essa função de conscientizar as pessoas.

R. M. S. O. – Além disso, as pessoas não são obrigadas a engolir cultura.

### **Grupo 4:**

J. S. – Falta agregar valores na televisão.

Houve referências a novelas nas quatro discussões. Afinal, têm boa audiência. Mas foram os participantes do Grupo 3 os que mais teceram comentários a respeito de novelas. Destacam-se os seguintes comentários:

J. A. B. – A novela é uma realidade muito distante. Aquela coisa carioca, Leblon.

R. V. – Você nunca vê os personagens trabalhando.

D. C. – Em qualquer ambiente eles estão tomando um drinque.

L. L. – Tem um certo estereótipo. O ideal de beleza, praia, etc.

R. M. S. O. – Mas tem que ver que teve uma evolução!

E. R. S. – O pobre não se identifica, mas vê. Ele tem na novela um ideal. Há um nivelamento por cima.

R. M. S. O. – Mas você não vai querer ver coisas tristes, pessoas morrendo.

R. V. – Quando as pessoas chegam cansadas em casa elas querem ver coisas bonitas. A novela passa sucesso e conforto. Por isso, quando eles colocam temas sociais eles conseguem atingir o público-alvo.

E. R. S. – A audiência hoje é quem faz a novela. A novela poderia levantar debates, mas faz isso muito mal.

L. L. – A novela só lida com estereótipos. Há várias coisas por detrás dos assuntos. Por exemplo, quem usa drogas. Há muita coisa por trás que eles não mostram.

Quando a discussão girou em torno do que os convidados entendiam sobre televisão educativa, os participantes não conseguiram expressar uma opinião concreta. Demonstraram não conhecer princípios e regras da televisão educativa.

Chamou a atenção a observação de J. F. de S. M., do Grupo 1:

J. F. de S. M. – É difícil definir. Não conseguiram ainda fazer algo educativo e ao mesmo tempo atrativo. Muitas vezes a palavra educativo é sinônimo de chato... Educar é uma palavra que pode ter vários sentidos...

Todos concordaram que TV Educativa pode ser mais atraente, ou seja, ter a função de educar, mas sem esquecer a capacidade de agradar o público com programação destinada a diversas faixas etárias. Destacou-se:

R. A. C. – Eu diria que 90% é de programação importante. Tem pouca audiência por causa das grandes emissoras. A sociedade brasileira já está limitada a elas.

L. M. M. B. – Por que pouca audiência? Eu não acho que é pouca audiência. Não precisa alcançar toda a audiência, não precisa ser hegemônica. Eu vejo que muitos canais são TV pra cachorro, fala muito mais não diz nada.

L. L. – A maioria (das pessoas) não percebe, ou não tem um pensamento crítico: “isso é uma informação educativa”. É mais subliminar. Elas estão presas ao entretenimento.

E. R. S. – Eu acho interessante. A pessoa vai em busca de entretenimento e ali é jogado um pouco de informação.

Bastava a expressão “televisão educativa” ser empregada para que os debatedores se reportassem a uma programação que transmite cultura, conhecimento, história. Mas nem sempre os espectadores querem refletir quanto a um conteúdo assistido. Algumas colocações dos participantes indicaram que há situações em que produtores deixam seus produtos muito sofisticados, distantes do nível intelectual da maioria da população. A linguagem didática – apontada como reprodução de uma aula convencional na televisão, por exemplo – também recebeu críticas dos espectadores. Nem todos os professores têm carisma para falar em televisão. Quando não há empatia, os espectadores não têm o interesse voltado ao programa, que perde audiência.

Essa preocupação sempre ocorre nas televisões comerciais. Apresentadores de televisão, atores, personagens de novelas e até integrantes de *reality show* são escolhidos (e mantidos) em função do público-alvo. Se o público considerar um personagem “chato”, produtores recorrem a estratégias para mudar tal conceito. Mesmo sem ser comercial, a televisão educativa, segundo as informações obtidas com os participantes dessa pesquisa, deve se preocupar em conhecer seus espectadores para, já que não têm como comercializar seus programas, criar mecanismos que cativem uma audiência de qualidade.

Os entrevistados apontaram também o que deveria constar na grade de programação ideal em televisão. Apesar das opiniões quanto a como deve ser a programação de uma TV ideal (leva-se em consideração que não foi feita referência, pela mediadora, se a TV ideal é a educativa. Optou-se por levantar as preferências a partir de categorias de programas televisivos, para só então fazer a análise se eles cabem, ou não, em uma televisão educativa), para se chegar a um resultado efetivo, faz-se necessário considerar, também, a opinião dos participantes quanto ao tipo de programa que não deveria constar em uma grade de programação ideal para a TV.

Por meio dos depoimentos quanto ao que deve constar na grade de programação ideal para televisão, chegou-se ao seguinte elenco de prioridades (por categorias de programa): com 11 referências, em primeiro lugar, programas informativos (discussão, debates, entrevistas, jornalismo, noticiários, documentários); em segundo lugar, com 10 menções, programas de cultura (história, folclore, cultura regional, turismo, música); em terceiro, com sete referências, teledramaturgia (novelas, minisséries e seriados). A essa lista, acrescentam-se filmes (com quatro citações diretas) e esportes (também quatro citações, sendo duas delas ligadas à palavra futebol e duas, a esportes em geral).

Quanto ao que não deve constar em uma grade de programação, a opinião dos debatedores levou ao excesso de violência, de programas de auditório (que exploram o grotesco), ao sexo (apelo ao erótico e pornografia em horários inadequados, os considerados horários nobres, entre sete e dez da noite).

As respostas, interessantes e pertinentes, demonstraram como o Grupo de Discussão é eficaz para que seja elaborada a grade de programação que possa efetivar as funções de uma Televisão Educativa.

### ***Referências***

ALVES-MAZZOTTI, Alda Judith. **O método nas ciências naturais e sociais:** pesquisa quantitativa e qualitativa. São Paulo,SP: Pioneira, 1998.

BAUER, Martin W; GASKELL, George. **Pesquisa qualitativa com texto, imagem e som:** um manual prático. Petrópolis: Vozes, 2002.

MATTELART, Armand. **História das teorias da comunicação.** São Paulo,SP: Loyola, 1999.

SANTAELLA, Lúcia. **Comunicação e pesquisa:** projetos para mestrado e doutorado. São Paulo,SP: Hacker, 2001.

Recebido em 10/11/2004

Aprovado em 10/01/2005